



12º Domingo depois de Pentecostes Próprio 16 (22.08.04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 28.14-22

Isaías está falando contra os dirigentes de Jerusalém. Sua crítica é contra sacerdotes e profetas (v.7) e todos os dirigentes do povo que cambaleiam, embriagados pelo poder. O que está em jogo aqui é o mau uso do poder. Os que utilizam o poder para dominar o povo são chamados "escarnecedores" (v.14), que fizeram alianças com a mentira e se escondem sob o véu da falsidade (v.15b).

O profeta recorre então a imagens fortes para anunciar o juízo de Deus. Esse juízo se opera pelo exercício da justiça e da retidão. Por isso as referências no vers. 17 à régua e ao prumo, instrumentos que medem, nivelam e elucidam dúvidas quanto ao comprimento e a exatidão de um corpo ou de uma sociedade, nesse caso. Somente a partir do exercício da justiça e da retidão é que uma sociedade pode ser nivelada e surgir a igualdade e a fraternidade entre as pessoas. A pedra preciosa mencionada no vers. 16 será vista posteriormente como uma imagem do próprio Messias, o Cristo. Ele é nosso padrão e norma de vida e quem nele crê compreende e faz o que é reto e justo. (CEBC).

2ª leitura - Hebreus 12.18-19, 22-29

As guerras são momentos importantes para testar até que ponto as alianças que fazemos tem validade e seriedade. No início da 2ª Guerra Mundial Adolf Hitler firmou uma aliança de não agressão com a União Soviética. Contudo, este pacto não durou muito tempo. A União Soviética foi invadida pelos exércitos alemães e a URSS teve que firmar um outro pacto, agora com os aliados, para poder vencer o poderio germânico. As alianças humanas são assim, frágeis e transitórias. O texto de Hebreus compara a aliança feita no monte Sinai com outra realizada no monte Sião. Estas duas alianças firmadas entre Deus e os homens representam duas formas de se encarar a vida cristã, e ao falar da Nova Aliança, indiscutivelmente o autor destaca sua superioridade. Pensando nisso refletiremos hoje sobre o seguinte tema: A superioridade da Nova Aliança.

A superioridade da Nova Aliança se revela, em primeiro lugar, em função dos sentimentos que desperta. Quando o autor da Epistola aos Hebreus se refere à antiga aliança, ele fala de alguns sentimentos bem claros. No verso 21, o autor nos diz que Moisés, diante do espetáculo que presenciava sentia-se atemorizado e trêmulo. A manifestação de Deus no Sinai era, de fato, tremenda. O aspecto mais destacado da glória de Deus que o texto destaca, é a sua capacidade de tornar alvo da ira de Deus até mesmo o animal que tocasse o monte no momento da *teofania*. (v. 20) A Nova Aliança é descrita não em termos de sua capacidade de destruir ou fulminar os



ímpios, mas em termos novos, que revelam a agregação e a com-gregação dos que crêem. Aqui se fala em "incontáveis hostes de anjos", "universal assembléia" e "igreja dos primogênitos arrolados nos céus". (v. 22, 23) Esta nova realidade não causa medo ou temor, mas admiração e surpresa ao ver que a glória de Deus é descrita não como um fator atemorizante, mas agregador.

A superioridade da Nova Aliança se revela, em segundo lugar, em função do seu mediador. O mediador da primeira aliança é descrito como Moisés, um homem atemorizado e trêmulo. (v. 21) o mediador na Nova Aliança é apresentado como Jesus (v. 24). Efetivamente os dois tem uma vida muito semelhante. Ambos nasceram sob a pena de morte e tiveram que fugir. Ambos são apresentados pelo Evangelista Mateus como aquele que nos dá, de cima de um monte, as normas que devemos seguir em nossas vidas. De um lado as tábuas da Lei, do outro o sermão da montanha. Mateus nos apresenta seu Evangelho dividido em cinco grandes sermões, assim como Moisés era visto como o escritor do *Pentateuco*. Ambos foram vistos como um profeta enviado por Deus. Há, contudo, uma diferença fundamental entre os dois. Esta diferença está no "sangue da nova aliança", que fala muito mais alto que o sangue de Abel. (v. 24) Sabemos que quando Caim mata seu irmão Abel, as Escrituras relatam que Deus reclama do fato dizendo que o sangue de Abel clama da terra até o céu. (Gn 4:10) Pois bem, o sangue de Cristo, do Messias, do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, clama de forma muito mais forte e pungente por justiça e pela ação de Deus.

Finalmente, a superioridade da Nova Aliança se revela, em terceiro lugar, em função da sua estabilidade. A primeira aliança é descrita como estando sob a possibilidade de abalos. (v. 26, 27) Quando o texto fala na voz de Deus provocando abalos na terra e no céu, ela quer se referir a "remoção dessas cousas abaladas" e o estabelecimento das coisas que deveriam ser permanentes. (v. 27) O verso 28 nos fala de um "reino inabalável" no qual todos nós deveremos servir a Deus de forma agradável com reverência e santo temor. Este Reino, diz-nos as Escrituras, "não terá fim". Ele não pode ser identificado com nenhum reino (Raich) humano ou com qualquer projeto político pessoal. Enquanto os "reinos" e os "impérios" humanos passam e são esquecidos pela historia, o Reino de Deus é eterno e, por isso mesmo, exige uma fidelidade incondicional. Vivemos hoje sob o domínio de uma nação hegemônica e as vezes nos vemos tentados a identificar os valores de Deus com os valores desta nação, mas é preciso saber diferenciar o *american way of life* do projeto de Deus para nossa vida.

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial um pastor luterano chamado Dietrich Bonhoeffer foi acusado de traição contra o 3º Reich porque ousou afirmar que não aceitaria nenhum outro "senhor" além de Jesus Cristo e não prestaria juramento a nenhum outro reino a não ser o Reino de Deus. Jesus é alguém que nos apresenta uma proposta de aliança. Nesta aliança temos uma nova vida e um novo Reino. Diante da proposta de Jesus temos de dar uma resposta. Somos hoje convidados a responder esta proposta de Jesus. Afinal nisto é que reside a superioridade desta Nova Aliança. (JLFA)



Santo Evangelho - Lucas 13.22-30

O cenário do texto ainda é a viagem a Jerusalém. Em uma das aldeias pelas quais passa, alguém, talvez impressionado pelo anúncio escatológico de Cristo, pergunta-lhe sobre o número dos que serão salvos. Jesus não responde diretamente a essa questão, mas evoca três imagens: duas restritivas: a) porta estreita e b) porta que se fecha rapidamente sem dar tempo para ingressar no mundo para o qual ela se abre. A idéia é de urgência e a tentativa parece ser a de provocar uma decisão imediata em prol do Reino que está se instalando. A terceira imagem, porém, é bastante ampla: os primeiros convidados ao banquete – e que hesitaram em ingressar pela porta estreita – ficam de fora, não porque tenham sido excluídos, mas porque não quiseram se comprometer com o Reino. E o banquete, então é oferecido a todos os povos, inclusive os pagãos.

Há grupos religiosos que se preocupam com detalhes mínimos que são totalmente irrelevantes para Jesus. A questão do número dos eleitos é um deles. O que importa no texto é empreender um esforço voluntarioso para ultrapassar limites estreitos. Talvez seja mais oportuno se concentrar no significado da expressão “estreito”, referindo-se à porta. A crítica de Jesus é dirigida contra todos os que ouviram sua mensagem nas praças e ruas, mas não se decidiram pelo reino. Estavam mais comprometidos com a manutenção da velha ordem. Porém, os que nada tinham a perder porque já haviam perdido tudo, sempre encontram uma esperança – a porta estreita.

Há uma forte crítica também aos que comiam e bebiam na presença de Cristo, mas que nunca realmente se decidiram pelo Reino. Esse tema pode causar certo constrangimento, sobretudo se ligarmos a expressão “comer e beber” com a participação regular na Santa Eucaristia. Porém, a mesa eucarística é mesa da partilha, da fraternidade e da solidariedade. De nada adianta participar regularmente da eucaristia sem jamais se comprometer com esses valores, pois a mesa do Senhor também é mesa de juízo. Quando a porta se fechar de nada adiantará alegar participação regular na mesa. Isso é comer do corpo do Senhor indignamente, sem discernir suas implicações.

A porta do Reino é estreita, mas não está ainda fechada. Todos, do oriente, ocidente, norte e sul são convidados ao Reino. O importante é saber se nós, que nos consideramos promotores do Reino, de fato compreendemos suas implicações para a vida (CEBC).